

## ARTIGOS

# O singular do caso clínico: uma proposta metodológica em psicanálise<sup>i</sup>

Elizabete Regina Almeida de Siqueira<sup>I</sup>

Edilene Freire de Queiroz<sup>II</sup>

---

O singular do caso clínico: uma proposta metodológica em psicanálise

## RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um tipo de construção de caso cujo foco não está na descrição do tratamento, tampouco se aproxima de um conto ou romance. Trata-se da marca do caso. Como operador metodológico, ele é um instrumento que permite identificar o que está além do que foi observado, possibilitando analisar dados que não foram coletados pelo pesquisador, ou seja, analisar o dito a outrem e não perder o estatuto de singularidade. Utilizamos tal metodologia a partir da leitura clínica de dados de fala de um sujeito que apresentava a peculiaridade de ancorar seu ser em suas alterações corporais. Essa era a marca do seu caso, que dava conta do encontro entre estrutura e contingência, encontro esse que definiu o nome a que respondia seu gozo. Propõe-se, então, a marca do caso, na forma como aqui é desenvolvida e utilizada, como metodologia profícua para pesquisas no âmbito da psicanálise, quando o enfoque for algum aspecto clínico.

**Palavras-chave:** Marca do caso; Operador metodológico; Caso clínico; Nome de gozo.

---

The singularity of a clinical case: a methodological proposal in psychoanalysis

## ABSTRACT

The aim of this article is to present a certain type of case study which focus is neither on the description itself of the treatment nor closer to a short story or novel. It has to do with a mark of case. As a methodological operator it is a tool which permits the researcher to identify what is beyond what has been observed, allowing the researcher to analyses data which were not collected by oneself, i.e., analyzing what has been said by someone else without missing its uniqueness. In order to do so, we make use of such methodology based on a clinical data reading of a person's speech which represented the peculiarity of basing his own self on his body chances. This was the mark of such case, which gave account of the meeting between structure and contingency, this meeting was related to that person's enjoyment. So it is proposed that this mark of case, as it has been developed and

made used of here, as a fruitful methodology for researches on psychoanalysis, as long as the focus is on a clinical matter.

**Keywords:** Mark of case; Methodological operator; Clinical case; The name of the enjoyment.

---

Lo extraordinario del caso clínico: una propuesta metodológica en el psicoanálisis

## RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar un tipo de construcción de caso cuyo foco no está en la descripción del tratamiento, ni tampoco en la aproximación a un cuento o a una novela. Se trata de la marca del caso. Como operador metodológico es un instrumento que permite identificar lo que está más allá de lo que se observó, posibilitando analizar datos que no fueron recogidos por el investigador, o sea, analizar lo que fue dicho a otro y no perder la condición de singularidad. Utilizamos tal metodología a partir de la lectura clínica de datos de la conversa de un sujeto que presentaba la particularidad de basar su ser en sus alteraciones corporales. Esta era la marca de su caso, que atendía al encuentro entre la estructura y la contingencia, encuentro que definió el nombre al que respondía su goce. Se propone entonces la marca del caso en la forma como aquí se desarrolla y utilizada, como una metodología fructífera para las investigaciones en el ámbito del psicoanálisis, cuando el enfoque sea algún aspecto clínico.

**Palabras clave:** Marca del caso; Operador metodológico; Caso clínico; Nombre de goce.

---

O pesquisador em psicanálise trabalha com um campo e com objetos psíquicos situados além dos dados imediatos da experiência. Para tanto ele precisa estabelecer, cientificamente, uma via de acesso a esse campo e a esses objetos, explicando os processos psíquicos operantes nesse domínio, nos ensina Caon (1994). Essa via, segundo o autor, é a transferência. Por ela o analista se confronta com os enigmas produzidos pelo sintoma, e a construção do caso clínico constitui um dos recursos metodológicos para que o analista transforme o *a priori* teórico numa teoria inédita.

A construção do caso é um arranjo dos elementos do discurso visando a uma conduta. O caso dispõe de uma pertinência descritiva, é uma construção de uma **memória anacrônica** por parte do analista. Nesse sentido ele é uma ficção, porque faz existir um ser abstrato que faz com que algo possa existir logicamente. Trata-se, por conseguinte, de uma ficção operatória lançada para apreender uma verdade do inconsciente ou de um real impossível de dizer senão pela letra do caso.

Ao longo da história da Psicanálise, o caso clínico tomou diferentes estilos de narrativas, desde as narrativas puras aos romances psicológicos. O que pretendemos neste artigo é apresentar um tipo de construção de caso cujo foco não está na descrição do tratamento, tampouco se aproxima de um conto ou romance. Trata-se da marca do caso, um dispositivo formalizado e sistematizado por Dumézil e Brémond (2010) em 1983, proposto para dar conta da elaboração teórica de

casos clínicos e utilizado como dispositivo de formação de analistas. É também utilizado como operador metodológico em pesquisas tanto do campo psicanalítico quanto do campo da linguagem (A. A. Siqueira, 2008), pois permite identificar o que está além do que foi observado pelo pesquisador ou analisar dados que não foram coletados por ele; ou seja, possibilita analisar o dito a outrem e os efeitos disso num terceiro que escuta.

Utilizamo-nos da marca do caso como operador metodológico no trabalho de tese de doutorado intitulado **Corpo escrito: um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais** (E. R. A. Siqueira, 2013). Foi dessa forma utilizado, a partir da leitura clínica de dados de fala de um sujeito que apresentava a peculiaridade de ancorar seu ser em suas alterações corporais. Essa era a marca do seu caso, que dava conta do encontro entre estrutura e contingência, definindo o nome a que respondia seu gozo. Saber a partir do qual foi possível trabalhar para a reordenação do traumático, mortificante desse modo de gozar, inscrito no corpo do sujeito, objeto da referida pesquisa.

O objetivo deste trabalho é propor a marca do caso, na forma como aqui a desenvolvemos e utilizamos, como ferramenta metodológica profícua para pesquisas no âmbito da psicanálise, quando o enfoque for algum aspecto clínico. Passaremos em seguida a uma discussão sobre as vicissitudes da apresentação em clínica psicanalítica, a fim de podermos fundamentar e destacar a que nossa proposta de utilização da marca do caso como abordagem metodológica responde.

### **Do memorial às vinhetas clínicas**

A apresentação da clínica varia ao longo das obras de Freud e Lacan. Partiu-se, com Freud (1918/1976a), do relato exaustivo e detalhado, tipo memorial do caso, para se chegar às chamadas vinhetas clínicas lacanianas, que visam indicar a marca singular, paradigmática, do caso em análise. Lacan não apreciava e até mesmo criticava a prolixidade do caso clínico. Interessava-se, sim, pelo ponto nevrálgico do caso que o tornasse a um só tempo singular e paradigmático. Para ele, o caso devia remeter-se à estrutura, primeiramente, como estrutura clínica considerada como sistema formal constituído por um conjunto de elementos e das relações entre eles, porque daí se podia extrair muito mais conhecimento do que da dimensão puramente histórica da narrativa. Em outras palavras, para Lacan (1983) sempre foi fundamental não somente considerar os elementos histórico-narrativos, mas principalmente descobrir a trama lógica, a sintaxe que rege as relações, a fim de operar cálculos que ajam sobre os elementos de tal sistema, uma vez que se conheça a organização deste, lembrando que o primeiro indício da operatória de uma estrutura é a repetição.

Destacar o ponto crucial de um caso seria a condição para que seja um paradigma, como aquilo que é compreensível e como tal se presta à transmissão. É isso que se espera de um estudo de caso: que de um caso particular se consiga extrair consequências válidas para o gênero, que se possa enriquecer o que se pode saber sobre a estrutura a partir do que foi isolado. Segundo Miller (2010), “não se trata simplesmente de desacreditar a narrativa, para substituí-la pela lógica, mas de recordar, no próprio fragmento do caso, o realismo da estrutura”<sup>1</sup> (p. 360, tradução nossa). Em outras palavras, o que merece o nome de caso é aquela construção que se dedica a uma rigorosa observação dos detalhes, capaz de formalizar uma metapsicologia.

---

<sup>1</sup> N. A. No original: “No se trata de arrojar no sé qué descrédito sobre la narración para sustituirla por la lógica, sino de recordar, en la reseña del caso mismo, el realismo de la estructura”.

A transmissão de um saber em Psicanálise tem a ver com um movimento de mão dupla, que implica aquele que ensina, o ensinante, e aquele que é ensinado, no sentido de que, ao transmitir a outrem, o ensinante ensina e aprende com aquele a quem ensina. Isso quer dizer que se trata de uma construção em que ensinante e ensinado são protagonistas e agentes de um saber. Algo similar se passa no estudo de caso: no estudo de cada caso é a construção dele que se dá, posto que, em se tratando de caso clínico, não se aplica a categoria do *a priori*, porque um caso é algo que se constrói na relação. Com isso queremos destacar que um caso clínico não é jamais um axioma, mas uma proposição que carece de demonstração, pois é o enunciado de propriedades, e não de uma essência (Chauí, 1999). Ele pode e deve ser um paradigma, mas jamais um axioma, que é uma categoria *a priori*, justamente por necessitar de construção e demonstração.

Sendo assim, entendemos que um caso é sempre um relato, e relatar um caso implica tecer sua ficção para se chegar ao que ele tem de mais singular e, ao mesmo tempo, de paradigmático (A. A. Siqueira, 2008). Esclarecemos, ainda, que a marca do caso produz um efeito de questionamento no investigador, que pode mobilizar uma discussão, um relato ou uma escrita e até transformar-se em teoria. O que produz, então, é um efeito de questionamento, um efeito significativo, e não um efeito experimental palpável. Propomos, então, que a marca do caso (*le trait du cas*), como nos ensinam Dumézil e Brémond (2010), o distingue de todos os outros, uma vez que está diretamente ligado a quem o escuta ou a quem o lê. Isso porque a leitura de uma fala desloca o pesquisador para a posição de alguém que se deixa afetar pelo movimento significativo do discurso daquele que ele lê, para localizar a marca do caso, precisamente como o que liga história e o mais singular da estrutura encarnada no sujeito. Logo, o mínimo que se pode esperar de um caso é que o ouvinte, ou o leitor, tenha um lugar, porque o caso, em psicanálise, produz-se sempre em relação a um terceiro, seja ele um supervisor, um leitor ou um público.

A marca do caso (*le trait du cas*) é um dispositivo formalizado e sistematizado por Dumézil e Brémond (2010)<sup>2</sup> em 1983, a partir de uma indicação de Lacan, na quarta capa da 1ª edição da revista **Scilicet** de 1968, e que propomos utilizar como o operador metodológico desta pesquisa. Encontramos em Santos (2000), numa referência a Foucault, um apoio à nossa proposta de utilização da marca do caso como operador metodológico neste exato ponto de suas proposições:

O grande mérito de Foucault foi ter mostrado as opacidades e os silêncios produzidos pela ciência moderna, conferindo credibilidade à busca de "regimes da verdade" alternativos, outras formas de conhecer, marginalizadas, suprimidas e desacreditadas pela ciência moderna. O nosso lugar hoje é multicultural, um lugar que exerce uma constante hermenêutica de suspeição contra supostos universalismos ou totalidades (p. 27).

### **Paco: o galo decapitado**

Paco é um jovem espanhol de 20 anos, que se tatua, se escarifica, se suspende solitariamente, sem trégua, e com essas modificações corporais, nas quais ancora seu ser, tenta desesperadamente inventar uma forma de fazer algo, de responder ao excesso de gozo sem ordenamento fálico que o acossava, em virtude do seu confronto com a cena traumática das matanças de perus que eram realizadas na fazenda do seu pai e em que, em algumas ocasiões, era ele, Paco, quem, ainda muito pequeno, segurava os animais para serem degolados. Curiosamente, é com o nome de **O galo decapitado** que ele se apresenta a Pereira (2007).

---

<sup>2</sup> Segundo o referido autor, essa indicação teria sido retirada das edições seguintes, para nunca mais aparecer.

Paco saiu muito jovem da casa dos pais, ainda na adolescência, e viveu muita coisa nas ruas de Madri: drogas, sexo e violência. Vendia e consumia drogas. Consumia bastante haxixe, que o acalmava, pela manhã; e cocaína e comprimidos à noite, a fim de ajudá-lo a suportar seu ritmo frenético de vida. Diz que sempre esteve muito perto do perigo e que não sabia como ainda estava vivo. Considera sua vida muito louca e diz que sempre esteve perdido. Já foi atropelado e fazia parte de uma rede de comerciantes de drogas em que um de seus amigos foi morto. Após esse episódio, passou a se sentir perseguido, tinha a sensação de estar sendo seguido todo o tempo. Informa que tudo começou aos 17 anos e que, desde então, submete seu corpo a transformações progressivas e ininterruptas: *piercings*, tatuagens, escarificações e implantes, com fins de controle dos pensamentos. Admite que, para ele, essas práticas são como uma droga, que ele tem uma droga nova e natural: a *body modification*. Define-se como uma pessoa completamente louca, que muda a aparência e experimenta novas sensações. Diz que essas práticas lhes servem de tranquilizantes.

Lembramos que, originalmente, Paco foi participante de uma pesquisa antropológica, na qual não havia um caso. A construção do caso se deu no trabalho de mesurado, justamente porque algo de um estranhamento-questionamento nos mobilizou quando da análise dos depoimentos dos sujeitos estudados, e cremos que também a Pereira, pois é notória a concentração de material coletado referente a ele. Observamos que havia nele algo a mais, pois a perspectiva da marca corporal como demanda ao Outro e desejo de aí ter um lugar não dava conta. Nesse sentido, reconhecemos nas conclusões da nossa dissertação que não se podia fechar os olhos para esse algo a mais, nem o denegando ou desconsiderando. E foi justamente esse encontro com o furo que nos relançou a novos estudos, objeto da pesquisa de doutorado.

### **A marca do caso: um operador metodológico**

A grande inovação da utilização da marca do caso, na referida pesquisa, foi elevar esse conceito a operador metodológico, porque compreendemos que ele é um instrumento que permite que um pesquisador possa analisar e destacar outros matizes, além dos que foram observados pelo pesquisador *in praesentia*. Em sua sistematização da referida indicação de Lacan, Dumézil e Brémond (2010) conceberam um dispositivo distribuído em três tempos: a exposição privada do caso, com a devida implicação do ouvinte, que se constitui na primeira elaboração; a exposição pública dessa primeira elaboração; e, em seguida, a constituição de grupos de trabalho com fins de aprofundamento teórico-clínico, visando a um efeito de transmissão em ato, do discurso do analista. Vale aqui esclarecer que a utilização da marca do caso como operador metodológico, no presente trabalho, centrou-se nos momentos de pesquisa e posterior transmissão, ou seja, no segundo e, principalmente, no terceiro momentos realçados por Dumézil e Brémond (2010).

Um dos aspectos essenciais dessa proposta é atingir a "dimensão 'teorígena'"<sup>3</sup> (Dumézil & Brémond, 2010, p. 17) do caso. Ele propõe não reinventar conceitos preexistentes, mas propiciar a formalização dos dados não por uma face fixa e dogmática, mas a partir da articulação dos elementos, saídos diretamente da experiência. O traço convoca uma leitura e um trabalho, mas admite a dimensão do imponderável, e dá primazia ao instituinte, ao que se passa, e não ao já instituído. Ressaltamos que Dumézil e Brémond (2010) preferem denominar teorígenos, e não teóricos, aqueles pontos que permitem progredir na compreensão da estrutura e da dinâmica do caso, para realçar a dimensão criativa e de avanço, sistematicamente fundamentada, mas

---

<sup>3</sup> N. A. No original: "La dimension 'théorigène'".

sem confundir-se com o já instituído como teoria. Significa abrir espaço para o singular que se destaca tanto do caso como daquele que o lê.

O objetivo da marca do caso como operador é a transmissão, a busca de liberdade – uma leitura própria –, sem abandonar o rigor do enquadre científico. A marca do caso como “teorígena” não é da ordem do puro imaginário, no sentido de miragem, mas uma construção lógica de uma invenção de saber, à qual se sabe que nada vem a corresponder na realidade.

É uma ficção operatória, um agente de distanciamento, de deslocamento. É a passagem da enunciação à escrita. Escrita aqui tomada como algo que permite abrir para uma palavra, para um significante novo, posto que existe um **mais além** do caso que é transmissível, um *a posteriori* que permite um avanço no trabalho. Como ficção, designa um processo a isolar em que se trata de primeiro se inscrever para poder escrever, na medida em que o pesquisador é tocado e surpreendido pela marca que o caso mostra. Ele também se inscreve não só no processo criativo, como na própria pesquisa, pois é como leitor que é inicialmente surpreendido pelo que dessa leitura se destaca. É o traço que está no entre dois, do que fala e do que escuta e que pode se manifestar como uma parada, um bloqueio ou uma invenção, ou mesmo um avanço.

Sendo assim, a marca do caso, ao possibilitar a passagem do privado ao espaço público, é uma forma preciosa e rigorosa de transmissão da Psicanálise como corpo teórico e clínico. Ela, a marca, aparece em um traço, em algo da ordem do inesperado, em um questionamento, em um estranhamento como algo da ordem do que surpreende, da contingência, do imprevisto que permita a construção de uma ficção teorígena como aquilo que faz existir um ser abstrato.

A ficção é um operador abstrato que faz com que algo possa existir logicamente. A referência ao inconsciente autoriza um uso do termo ficção totalmente diferente da sua definição dicionarizada ou do senso comum, que a compreendem como uma produção que tem sua origem no imaginário. É aqui considerada uma construção e, como tal, uma hipótese, uma ficção lançada para apreender uma verdade. No dizer de Freud, em **Construções em Análise** (Freud, 1937/1976c), o que se busca é, com um simulacro de isca, agarrar uma carpa de verdade. Aqui Freud se refere à passagem do **Hamlet** de Shakespeare, Ato II, cena I, em que Polônio, querendo descobrir a conduta do seu filho Laertes, envia Reinaldo para espioná-lo e o orienta a se dirigir às pessoas do lugar com proposições hipotéticas sobre sua conduta para instar seus interlocutores a responderem a verdade. Ensina que é assim que agem as pessoas de talento e de experiência, com rodeios e por meios indiretos; indiretamente, atraem uma “carpa de verdade” (Shakespeare, 1981, p. 229). Isso porque, para Freud (1937/1976c), nada se perde no aparelho psíquico: tudo está lá. Ao contrário da arqueologia, em que os elementos procurados podem ter sido queimados, destruídos ou modificados de uma época para outra e ter se constituído em outra coisa, na vida psíquica se pode reencontrar, reconstruir, porque o que foi perdido está perdido lá. Nesse mesmo texto, esclarece que as marcas são conservadas intactas, porém inacessíveis. Estão lá, mas de forma inacessível. Logo o que é posto em jogo na construção é esse caráter de inacessibilidade das marcas.

Dessa forma, toda construção se faz sobre um fragmento de perdido da e na realidade psíquica, mais exatamente sobre um fragmento inacessível. Portanto, pode-se afirmar que a construção freudiana que nos interessa é uma ficção, uma verdade que tem forma de ficção. É muito importante que, com uma falsa isca, se pesque uma carpa de verdade. É aqui que nos situamos. Por meio de um dispositivo, reconhecido pelo seu formalizador – Dumézil – como da ordem da ficção, no sentido que viemos lhe dando, queremos pescar uma carpa de verdade. Isso porque compreendemos, com Freud, Lacan e Dumézil, que toda construção é uma ficção que permite fisgar uma verdade; que uma construção é uma hipótese, uma ficção lançada para pescar uma verdade.

A nossa intenção foi, então, pescar, captar a marca inacessível, sem inscrição simbólica, perdida dentro do aparelho psíquico, e que não cessou de retornar em acontecimentos no corpo. A nossa escrita, então, segue o que está posto como ficção, como um discurso mito-poiético da tradição trágica, como sustenta a Psicopatologia Fundamental. Segundo Berlinck (1998), Fédida vai buscar na tradição trágica de **Ésquilo**, do *pathei mathos* (experiência e saber advindo do sofrimento) e do discurso mito-poiético do teatro grego o sentido do psicopatológico, ou seja, o psicopatológico advém da experiência ficcional íntima da paixão. Assim ele concebe o *pathos* da Psicopatologia Fundamental.

De acordo com o acima postulado, não bastava referir as palavras do sujeito; foi preciso, a partir do seu discurso, isolar a marca do caso. Lembramos, uma vez mais, que esta última não diz respeito a relatos exaustivos de tratamento nem impulsiona na direção do conto. Não tem nada a ver com proliferação imaginária desenvolvida no relato, como memorial de uma análise, porque a mera acumulação de saber não produz nada de verdadeiro (Dumézil & Brémond, 2010).

É uma ferramenta metodológica, a qual permite que pontos clínicos, localizados nos limites da representabilidade, possam ser postos em circulação. Possibilita articular o singular, o categorial e o geral que os distribui segundo uma configuração particular, ou seja, há um trabalho sobre o categorial e passagem do particular ao geral, na medida em que propicia que algo se aprenda, que as articulações se estabeleçam e as conexões se façam – na diferença – entre um caso e outro. Trata-se de uma progressão reflexiva, pois as definições de categorias clínicas aí encontram um afinamento progressivo, ao mesmo tempo, com novas conexões ou com conexões já conhecidas.

A marca do caso como operador metodológico visa ao **que se passa**, ao fragmento como colofão que aponte o ponto agudo de uma questão atual. Tratou-se, pois, de fazer trabalhar posições enunciativas-instituintes, distinguindo-as da pura ficção denotativa. O que se evocou foi o que ligava história e estrutura, o que nos permitiu ir gradativamente passando do teorígeno à teoria. Mas teoria compreendida como corpo teórico, que admite o imponderável, como o que fura a série. Teoria que acolhe o novo, saído da reflexão e que acrescenta à construção, ao corpo teórico estabelecido, o risco de modificar sua harmonia e estabilidade. Na linguagem de Santos (2000), a crise propulsora da criação.

A razão da proposição da marca do caso como operador metodológico foi porque ela é um método que implica uma relação com a fala do sujeito, em busca do ponto preciso em que algo do real foi fisgado por aquele que lê ou escuta. Permite detectar a marca do caso no entre dois, e que só um terceiro, um outro, pode distinguir. É um método que permite o enlaçamento dos diferentes momentos, num mesmo movimento, daquilo que foi dito, escutado e, posteriormente, lido e exposto.

Para Dumézil e Brémond (2010), a marca do caso tem a ver com o traço unário freudiano, relido e sistematizado por Lacan (2003), enquanto ponto de partida, de onde se produz a incidência do significante no desenvolvimento. Ponto inaugural da estrutura de onde advirá a história. A marca do caso, como o traço unário, é o que dá o essencial, aquilo que está no coração do ser, não encontrável nem na história, na historiografia ou historieta. É o que possibilita uma nova edição do tempo pela via do ato enunciativo que abre acesso ao registro do inscritevel, do representável que tem impacto no real da repetição de gozo.

A estrutura se funda por uma operação que escreve uma impossibilidade, que é a inscrição de uma marca. A marca não tem função de representação, mas de unir como cópula o idêntico com o diferente. É uma marca prévia à identificação que instaura a diferença, e sobre a qual se assentam as identificações e suas significações. Quando cai uma identificação, há o encontro com a marca. A repetição é a operação que faz a

marca se perder como originária e se transformar em situação repetida, neste nível, possível de inscrição.

Vê-se, claramente, que esse é o campo do pulsional como aquilo que escapa às nomeações do Outro, que instauram uma ligação entre o sentido e o real. Uma vez mais se desvela que há algo de inominável, de real, na estrutura, que está na origem do que é marcado no corpo. O que se buscou foi estudar a resposta singular engendrada pelo sujeito em seu confronto com o que havia de enigmático no desejo do Outro.

Buscamos a marca porque, paradoxalmente, o perdido não está inativo. Está vivo – como os galos de Paco –, produzindo efeitos de gozo no corpo, como uma fonte radioativa, não localizada, mas cujos efeitos são medidos e comprovados pelos estragos produzidos e detectados pelos instrumentos adequados. Neste estudo, as marcas corporais são as provas vivas desse efeito radioativo do traço, da marca não ou mal nomeada e perdida no coração da estrutura. Insistimos em que nosso objetivo não diz respeito à expressão cultural do nome, mas ao nome que veicula o gozo. Também não nos interessou a realidade psicossocial, mas a dimensão real do nome, o que de inominável e de pulsional pode veicular um nome. Nome, insígnia, angústia, sintoma, eis a sequência que buscamos rastrear, em suma, identificar como um nome pode afetar um sujeito, pela via da marca do caso.

Em Paco, havia um indicativo do demasiado da experiência de satisfação na matança dos perus. Esse elemento perdido na estrutura inconsciente apareceu como buraco, como algo não simbolizado, sem nome, onde o sujeito tropeçou e caiu nele sem cessar, repetidamente, das mais diversas formas. Por isso, a nomeação como arte de produzir um nome que dê conta do que se perdeu permite que um pesquisador-interpretante tome parte nesse jogo como mais um a nomear o que está como buraco na estrutura do inconsciente, enquanto cadeia significante, uma vez que o que conta na nomeação é menos o sentido e mais a nomeação-inscrição, que cria um campo e dá um lugar.

Não poderíamos deixar de destacar seus limites, tendo em vista a própria lógica da marca do caso, tomada como metodologia, ou seja, como uma ferramenta de trabalho. Como não poderia deixar de ser, é nas brechas de qualquer trabalho que outros surgirão. É da essência da marca do caso não se propor como totalizante e completa. É de sua essência “teorígena” pressupor que outras leituras poderão ser feitas. Esta nossa leitura só foi possível por isso; portanto, aquilo que é um limite é também sua saída, e não o contrário, segundo nosso ponto de vista. Casos que não estão em desenvolvimento são, de fato, uma saída e um limite, mas é por essa dialética que a psicanálise tem avançado. A dialética psicanalítica não invalida a objeção, o limite, o resto; ao contrário. A contradição, por exemplo, como saída e limite, é bem-vinda. Não seria essa uma metodologia propriamente psicanalítica que acolhe em seu seio as saídas-limites, não as fazendo limitantes, mas teorígenas? É desse lugar que vemos o método escolhido. Sabedora de que todo método, exatamente por ser um conjunto de procedimentos utilizados, segundo um plano e determinadas regras, utilizando determinados instrumentos, é, por natureza, saída e limite. Por isso, existem vários. Ser saída e limite não é defeito do método aqui utilizado; ao contrário, aí se concentra sua riqueza, riqueza esta procedente da própria natureza do conceito de método. Por essa razão, mais uma vez o defendemos e o utilizamos, acreditando ter feito a boa escolha.

### **Considerações finais**

A marca do caso tendo sido utilizada como operador metodológico não nos obriga a nos incluímos, para o presente objetivo, em todas as etapas propostas pelo disposi-



tivo de formação de analista A Marca do Caso, nesse sentido, grafada com letras maiúsculas para marcar a diferença. O que nos interessou na marca do caso, como operador, foi extrair sua dimensão teorígena, a que faz passar do contato, da exposição, para a elaboração de um saber sobre o caso, construído justamente no momento da tentativa de sua sistematização. Antes disso o que se tem é o relato, ou o atendimento, mas não um caso clínico, devidamente sistematizado e elaborado.

A escolha de Paco como um caso clínico propício a ser construído pela marca do caso se deveu ao fato de ser originalmente objeto de uma investigação antropológica, na qual não havia um caso. Nós construímos o caso na pesquisa de mestrado (E. R. A. Siqueira, 2009) justamente porque algo de um estranhamento-questionamento nos mobilizou. Por ocasião da análise dos dados de fala dos sujeitos estudados, observamos que havia nele algo a mais que a hipótese inicial da marca corporal como adorno, demanda ao Outro, desejo de cavar um lugar no campo do Outro. Nada disso dava conta. Nesse sentido, as conclusões pareciam inconclusas, havia um algo a mais, um mais além, para o qual não se podia fechar os olhos, denegando ou desconsiderando. Nesse sentido, Paco desconstruiu-construindo, apontando para novos caminhos, novas conclusões; para a necessidade de uma nova reconstrução, esta de agora, a de fazer surgir a marca do caso. Cremos que a marca desse caso é que o verdadeiro nome próprio desse sujeito é o nome que singulariza seu gozo: **O galo decapitado**. Para utilizar o método, foi preciso que tivesse havido uma construção anterior do caso, para que fosse desconstruído e reconstruído, indicando a marca do caso, e isso cremos verdadeiramente que o fizemos, na medida em que fomos questionadas por sua fala estranha aos demais sujeitos e fomos capazes de, a partir desse estranhamento, formular questões teórico-clínicas, como vimos tentado demonstrar.

Creemos que, como pesquisadora-intérprete, fomos afetadas pela singularidade desse caso e com isso nos tornamos sua interlocutora. A partir disso Paco nos disse alguma coisa, pois, para nós, suas marcas falam dele. Expõem-no ao olhar do outro, aparecendo como um típico "unheimlich" freudiano (Freud, 1919/1976b, p. 275). O que buscamos com este trabalho foi responder à afetação que esse caso produziu em nós, para daí produzir algo teorígeno-simbólico que nos tirasse do limite imaginário de ficar só imaginariamente afetada pelo olhar e pela estranheza que suas marcas provocaram. Eis aqui mais uma vez a marca do caso como um método que provoca a saída de uma viela, e aqui revira de método saída-limite para limite-saída, e eis que se completa o movimento dialético libertador e propulsor de criações.

Como a marca do caso advoga a queda do nome próprio e o advento da marca, pudemos aqui inscrever nossa tese e usar a presente metodologia, isso porque a fragilidade imaginário-simbólica do Nome próprio de Paco provocou o advento da marca como Nome próprio de gozo. O que em Paco nos afetou interrogando foi perceber que suas marcas não eram para serem vistas, mas para serem gozadas solitariamente, e, como tal, não só nos ultrapassou, bem como ao saber da teoria, na medida em que a maioria dos autores as consideraria marcas feitas para o Outro.

Finalizando, diríamos que estudamos o caso Paco buscando, pela via da metodologia da marca do caso, detectar o elemento medular de sua singularidade. *A posteriori*, autorizamos-nos a afirmar que a marca de seu caso é que seu verdadeiro nome próprio é seu nome de gozo: **o galo decapitado**.

## Referências

- Berlinck, M. T. (1998). O que é psicopatologia fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 1(1), 46-59.

- Caon, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica da pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7, 145-174.
- Chauí, M. (1999). *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dumézil, C., & Brémond, B. (2010). *L'invention du psychanalyste. Le trait du cas*. Toulouse: Érès.
- Freud, S. (1976a). *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1918).
- Freud, S. (1976b). *O estranho* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago, (Originalmente publicado em 1919).
- Freud, S. (1976c). *Construções em Análise* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1937).
- Lacan, J. (1983). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). *A identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos. Versão para uso interno.
- Miller, J.-A. (2010). *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós.
- Pereira, F. (2007). *Tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 183pp.
- Santos, B. S. (2000). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.
- Shakespeare, W. (1981). Hamlet, o príncipe da Dinamarca. In W. Shakespeare, *Shakespeare Tragédias* (pp. 25-119). São Paulo: Abril Cultural.
- Siqueira, A. A. (2008). *Atrasos de aquisição de linguagem: algumas considerações sobre o processo de espelhamento*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, 175pp.
- Siqueira, E. R. A. (2009). *O estatuto contemporâneo das identificações em sujeitos com marcas e alterações corporais*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, 180pp.
- Siqueira, E. R. A. (2013). *Corpo escrito: um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, 150pp.

Submetido em: 02/03/2014

Revisto em: 10/07/2014

Aceito em: 11/07/2014

**Endereços para correspondência:**

Elizabeth Regina Almeida de Siqueira  
betesiqueira1@gmail.com

Edilene Freire de Queiroz  
edilenefreiredequeiroz@gmail.com

I. Docente. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Recife. Estado de Pernambuco. Brasil.

II. Docente. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Recife. Estado de Pernambuco. Brasil.

i Refere-se à tese de doutorado de Siqueira, E. R. A., orientada por Queiroz, E.F., intitulada "Corpo escrito: um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais", defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).